

política

Metade das candidaturas ao Piratini é formada por mulheres

Única eleita ao governo gaúcho foi Yeda Crusius, no pleito de 2006



Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

A eleição de 2026 deve ter o maior número de candidatas mulheres ao governo do Rio Grande do Sul, desde a redemocratização. Metade dos nomes que devem disputar o Palácio Piratini serão mulheres. Dos seis pré-candidatos, a ex-deputada estadual Juliana Brizola (PDT), a ativista Priscila Voigt (UP) e a professora Rejane de Oliveira (PSTU) estão na corrida ao pleito marcado para 4 de outubro.

Nas eleições anteriores, a maior proporção de mulheres disputando o Piratini ocorreu em 1998 e 2014. Os dois pleitos tiveram sete candidatos e apenas uma candidatura feminina.

Em 1998, Emilia Fernandes (PCdoB) foi a única mulher a disputar o Piratini. Emilia terminou a eleição em terceiro lugar, com 6,19% dos votos.

Em 2014, Ana Amélia Lemos (PP) representou as mulheres na corrida ao governo do Estado. Ela também ficou em terceiro lugar, com 21,7% da preferência do eleitorado.

Em 2006, Yeda Crusius (PSDB) foi a única mulher entre os dez candidatos ao Executivo estadual. Ao passar para o segundo turno, Yeda derrotou o ex-governador Olívio Dutra (PT) e se tornou a primeira mulher a comandar o governo gaúcho.

Os pleitos com menos candidaturas femininas aconteceram em 1990, 1994, 2002 e 2018. Nesses pleitos, não houve nenhuma mulher liderando as chapas majoritárias no Rio Grande do Sul.

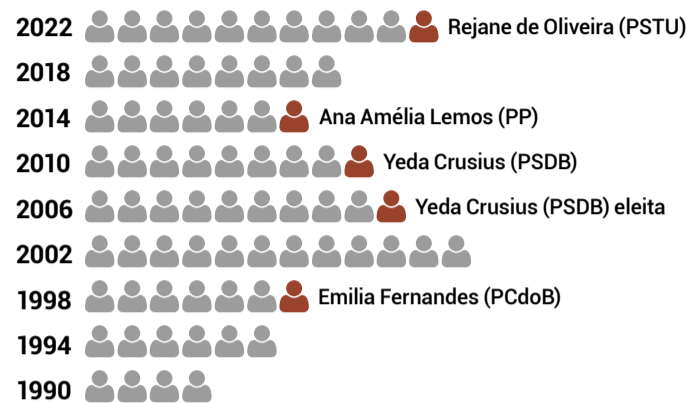
Além das três pré-candidatas ao governo do Estado, o pleito de 2026 conta com uma mulher entre os seis pré-candidatos a vice-governador e uma entre os 12 nomes que vão disputar as duas vagas ao Senado: a deputada estadual Silvana Covatti (PP) e a ex-deputada federal Manuela d'Ávila (PSOL), respectivamente.

O PSTU e a UP ainda não divulgaram os candidatos a vice e ao Senado. A chapa liderada pelo pré-candidato Marcelo Maranata (PSDB) tem a vaga de vice em aberto, após a pré-candidata Betty Cirne Lima desistir do pleito.

Mulheres nas chapas majoritárias do RS

Governador Gabriel Souza (MDB)	Vice-governador Ernani Polo (PSD)	Senador Germano Rigotto (MDB)	Senador Frederico Antunes (PSD)
Governadora Juliana Brizola (PDT)	Vice-governador Edegar Pretto (PT)	Senador Manuela d'Ávila (PSOL)	Senador Paulo Pimenta (PT)
Governador Luciano Zucco (PL)	Vice-governadora Silvana Covatti (PP)	Senador Marcel Van Hattem (Novo)	Senador Sanderson (PL)
Governador Marcelo Maranata (PSDB)	Vice-governador a definir	Senador Cláudio Diaz (PSDB)	Senador Milton Cardoso (PSDB)
Governadora Priscila Voigt (UP)	Vice-governador a definir	Senador a definir	Senador a definir
Governadora Rejane de Oliveira (PSTU)	Vice-governador a definir	Senador a definir	Senador a definir

Participação das mulheres nas eleições ao governo do RS de 1990 a 2022



De cada 10 brasileiros, 4 não sabem nomear uma mulher poderosa

/ PESQUISA

De cada 10 brasileiros, 4 não conseguem citar uma mulher que esteja em posição de poder. E o problema não é a definição de poder - 96% dos entrevistados, quando indagados, conseguem descrever o que significa comandar.

Os dados são da pesquisa "Imagário de Poder das Mulheres Brasileiras", realizada pelo Estúdio Clarice, organização de inteligência e criação focada em investigar e fomentar o poder feminino por meio de pesquisas e produções audiovisuais.

Foram entrevistados 2.036 homens e mulheres em novembro de 2025. Ao serem questionados se conheciam uma mulher de poder, 10,1% citaram a primeira-dama Janja, 6,1% a ministra Carmem Lúcia, e 4,8% a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Quando o assunto é igualdade, 68% dos homens dizem acreditar que há as mesmas oportunidades, independentemente do gênero. Apenas 53% das mulheres responderam o mesmo. E 34% deles e 21% delas acham que o lugar da mulher já é reconhecido.

A pesquisa mostrou também que uma das barreiras que a mulher enfrenta é a falta de confiança. Quase 30% delas dizem que o que mais traz a sensação de impotência é duvidar da própria capacidade.

Segundo o levantamento, 1 em cada 3 mulheres afirma que é preciso mudar o seu tom de voz para ser levada a sério e esconder a personalidade para se encaixar em um ambiente.

Na questão do comportamento, há um recorte racial: 28% das entrevistadas brancas disseram cobrir partes do corpo para não serem julgadas; entre as negras, o número sobe para 39%.

A pesquisa foi lançada nesta segunda-feira, em evento no Rio de Janeiro, com a participação de Mariana Ribeiro e Beatriz Della Costa Pedreira, fundadoras da Clarice.

Segundo Beatriz, a dificuldade de nomear mulheres em posições de destaque indica não apenas um problema de representatividade, mas também de reconhecimento social sobre o que é, de fato, poder.

"No fim, a gente descobre que estar no poder não é necessariamente ter poder. A Clarice nasce da pergunta: qual é o imaginário de poder das mulheres brasileiras?", afirma Beatriz.

Beatriz diz ainda que as mulheres que hoje ocupam esses espaços buscam mais do que cargos formais. "Não estamos falando de títulos, mas de transformação. O que queremos são mais mulheres no poder, com poder, transformando o poder", diz.

Os dados foram levantados pelo Estúdio Clarice a partir de pesquisa quantitativa e também qualitativa. Essa segunda parte incluiu entrevistas com mulheres a quem o estúdio chamou de especialistas (pesquisadoras, intelectuais e profissionais que estudam poder, imaginário e gênero) e protagonistas (mulheres que ocupam posições de decisão e influência). Essas últimas foram selecionadas a partir de 11 setores estratégicos da sociedade, como esporte, clima, finanças, comunicação, cultura, entre outras.

A cofundadora do Estúdio Clarice Mariana Ribeiro afirma que a iniciativa busca atuar também no campo simbólico, ao disputar narrativas sobre o poder feminino. "Não adianta apenas remediar o que já existe com políticas públicas ou ações afirmativas, que são importantes, mas é preciso atuar na cultura, na forma como a sociedade pensa."